

## **Letramento literário como prática de provocação ao leitor**

Jaquelânia Aristides Pereira  
Maria Valdênia da Silva  
(Professoras Letras/UECE)

**Resumo:** O presente trabalho procura elaborar uma proposta didática, aplicável aos últimos anos do ensino fundamental II, em torno do poema “A dona contrariada”, de Cecília Meireles, de acordo com os fundamentos do letramento literário de Cosson (2006) e as ideias que embasam os métodos criativo e recepcional de Bordini e Aguiar (1988). Adotaremos a concepção de texto poético e de letramento literário a partir de uma perspectiva integralizadora de saberes, conforme Morin (2004), vislumbrando o poema como objeto estético e lúdico, tecido na confluência de várias linguagens e na interação com os leitores, considerados coautores dos textos, e o letramento literário como uma atividade complexa que se efetiva na conjugação da leitura do texto literário com outras linguagens.

**Palavras-chave:** letramento; poesia; interdisciplinaridade.

### **Considerações iniciais**

O contato com a poesia sempre foi uma necessidade entre os homens, desde as comunidades primevas, alimentando sua identidade mito-poética, através de experiências que os permitem vivenciar, de forma especial, seus símbolos íntimos, seus sonhos, suas emoções, desejos, medos, ansiedades, afetos e desafetos, encontrando significados para a vida.

Como escreve Cecília Meireles (2001), em uma de suas crônicas, a poesia, enquanto objeto de beleza, é fundamental à vida e negar a fruição desse bem incompressível, na acepção de Candido (2004), pode trazer prejuízos imensuráveis ao homem. Cecília diz: as pessoas “que vivem sem beleza” estão mais suscetíveis ao sofrimento, porque “serão incapazes de resistir ao peso dos acontecimentos: falta-lhes aquele dom de tudo transformar com a força criadora que retira do fundo das noites mais trágicas a face ressuscitada de um novo amanhã.” (MEIRELES, 2001:37).

Para que a leitura de poesia, na sala de aula, se transforme num evento significativo e numa experiência de beleza é importante que a poesia seja percebida como objeto estético e lúdico, desvinculado de propostas didatizantes, que utilizam o texto poético como pretexto para se trabalhar conteúdos curriculares e ignoram as funções fundamentais da poesia, principalmente seu poder de despertar no sujeito o encantamento de si e do mundo e lhe proporcionar momentos de alegria, sugerindo aos

leitores que, muitas vezes, “a vida só é possível reinventada”, como diz Cecília Meireles. (1987:196).

Para uma experiência significativa com o texto poético, a escola necessita ser um espaço de acolhida e de afetividade, e religar os saberes e as artes. A poesia pode ser religada ao canto e a outras artes e linguagens, bem como ao lúdico, de forma que a experiência com a palavra possa reconduzir as crianças e jovens à sensibilidade poética.

Vale ressaltar que, hoje em dia, a problemática do letramento através do texto poético na escola não tem, como principal causa, a falta de contato dos alunos com um bom acervo de poesia, pois sabemos que, nos últimos dez anos, o governo federal tem distribuído livros de diversos gêneros literários às escolas públicas, da educação infantil ao ensino médio, no geral, de boa qualidade estética.

Para que esse material seja, de fato, utilizado em sala de aula e contribua para a formação de leitores, faltam investimentos na formação de professores que, em sua maioria, “continuam sem conhecer o seu objeto de trabalho, os textos literários, e, conseqüentemente, permanecem insensíveis à beleza e à riqueza desse objeto, servindo-se do mesmo, sobretudo, como mero pretexto para se trabalhar gramática ou outros conteúdos curriculares” (PEREIRA, 2008:57), como já destacou Soares (1999).

No geral, faltam, aos professores da área, o conhecimento e a utilização de métodos que tornem a leitura literária algo significativo para o aluno, através de atividades que dialoguem com seus interesses e necessidades, estando associada a outras práticas sociais, a outras artes e discursos, promovendo, de fato, o letramento literário na escola. Nesse sentido, muito contribuem os fundamentos do letramento literário, formulados por Cosson (2006), e as ideias que embasam os métodos criativo, recepcional e semiológico de Bordini e Aguiar (1988), direcionados ao trabalho com a leitura literária na educação básica.

Esses autores ajudam-nos a tecer uma concepção de texto poético e de letramento literário a partir de uma perspectiva integralizadora de saberes, conforme Morin (2004), vislumbrando o poema como objeto estético e lúdico, tecido na confluência de várias linguagens e na interação com os leitores, considerados coautores dos textos, e o letramento literário como uma atividade complexa que se efetiva na conjugação da leitura do texto literário com outras práticas discursivas e expressões artísticas.

Essa concepção leva em consideração não apenas o texto escrito, potencial em significância e sugestões musicais, plásticas e outras, todavia, o texto concretizado pela voz e pelo corpo do leitor, a partir da interação desse sujeito com a materialidade do poema e com as próprias experiências de mundo do leitor, sobretudo aquelas relacionadas à cultura lúdica da infância.

Nesse artigo, elaboraremos uma proposta de abordagem do poema em sala de aula, tomando por referência a sequência básica de Cosson (2006) e o método criativo e recepcional de Bordini e Aguiar (1988). Utilizaremos como corpus literário o poema “A dona contrariada”, do livro *Vaga música*, de Cecília Meireles, numa associação com outros textos e outras linguagens.

## **O letramento literário no ensino fundamental II: sugestões metodológicas**

O letramento literário diz respeito não apenas às práticas de leitura do texto literário como função social, porém, a concepção utilizada por Cosson (2006), ligada à educação literária e seu efetivo domínio na escola e na sociedade. Essa questão envolve a reflexão sobre o modo como a escola tem escolarizado a literatura e a sugestão de caminhos que apontem para um aprendizado mais significativo desse saber, procurando, à luz de Cosson (2006), formar uma comunidade de leitores no espaço da educação básica.

Esse posicionamento diante da leitura literária está embasado na ideia de que a literatura não serve apenas de passatempo, atrelado ao prazer gratuito, todavia, é um instrumento de humanização, conforme Candido (2004):

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a forma de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma ao sentimento e à visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CANDIDO, 2004:186).

Embora saibamos que o texto literário não está sozinho nessa missão, em decorrência de sua natureza, beleza e abertura polissêmica, ele pode desempenhar melhor essa função. O texto literário participa da teia social, juntamente com outros textos, ajudando a (re)significar a vida, a desvelar os problemas da sociedade, ao mesmo

tempo em que ajuda o homem a se entender e a resolver suas inquietações, como bem destacou Bettelheim (1980).

Para que essa função aconteça, muito contribui a boa escolarização da literatura, através da qual a escola nos ensina o modo como ler os textos. Sem esses dois requisitos fica difícil a fruição do texto literário, dentro e fora da escola.

De acordo com Cosson,

nossa leitura fora da escola está fortemente condicionada pela maneira como ela nos ensina a ler. Os livros, como os fatos, jamais falam por si mesmos. O que os fazem falar são os mecanismos de interpretação que usamos, e grande parte deles são aprendidos na escola. (COSSON, 2006:26).

Por meio desse aprendizado, lemos de forma diversa textos diferenciados: um manual de instrução de um eletrodoméstico não é lido da mesma forma de um poema, uma carta, uma notícia de jornal, etc.

Em se tratando da leitura do poema, Bosi (2003) recomenda atenção ao caráter simbólico do texto, em que as palavras “são densas até o limite da opacidade” (BOSI, 2003:461), necessitando, portanto do exercício da interpretação. Ao mesmo tempo, precisa-se estar atentos a outros elementos de significação desse texto, principalmente seus aspectos de musicalidade e seu tom afetivo, percebidos e evidenciados através da leitura em voz alta. Diz Bosi: “Se o leitor conseguir dar, em voz alta, o tom justo ao poema, ele terá feito uma boa interpretação, isto é, uma leitura ‘afinada’ com o espírito do texto.” (BOSI, 2003:469).

O processo de letramento no ensino fundamental a partir do texto literário, segundo Cosson, tem que ser pensado mediante propostas que apresentem objetivos bem definidos, efetuadas numa sequência que envolve quatro etapas: a motivação, a introdução, a leitura e a interpretação. Exploraremos esse modelo de letramento, tendo como eixo o poema “A dona contrariada”, de Cecília Meireles, cuja abordagem entrelaçará outros textos, como “Além do bastidor”, conto de Marina Colasanti (2001), desaguando numa proposta de interpretação criativa, voltada para a musicalização do poema de Cecília Meireles, numa consonância com outras linguagens, como forma de incitar a criatividade dos jovens, destacando a experiência de leitura com o texto literário como vivência lúdica.

Para a musicalização do poema, muito contribuem as sugestões do método criativo de Bordini e Aguiar (1988), que viabiliza a expressão e apreensão de práticas de

cunho artístico, a partir do texto literário, conjugado sob a perspectiva de objeto de prazer e de provocação à aquisição de saberes. Na prática do método criativo, os alunos são vistos como “artistas” e agentes do conhecimento, e coautores do texto literário, objeto móvel, passível de ser fruído e interpretado de múltiplas formas. A musicalização de um poema é, portanto, um suplemento de leitura que traduzirá a interpretação construída para o texto, numa dinâmica que deve nascer da própria materialidade, da perspectiva e do tom do poema, percebidos na leitura em voz alta, como sugerem Bosi (2003) e Pereira (2010).

O poema “A dona contrariada” inicia-se com um pronome catafórico, “ela”, cuja referência aponta para frente, no discurso. Este constitui o primeiro enigma do poema a ser desvendado pelo leitor: descobrir a que pessoa o pronome se refere, cujas informações explícitas se resumem ao título do poema, paratexto constituído apenas de um sintagma nominal: a dona contrariada, e a sua descrição física, na primeira e segunda estrofes, acrescida de alguns traços psicológicos, apresentados ao longo do poema. Trata-se de uma mulher fidalga, “vestido de linho,/ cor da lua nas areias”, voz de sereia e lábios cor de vinho, que, sentada ao bastidor, do lado que faz sol posto, isto é, ao poente, bordava na tela a sua canção, num contexto de muitas adversidades. Quem será mesmo essa dama? A Penélope, de Homero, que ao esperar a chegada de Ulisses, seu esposo, da guerra de Tróia e sentir-se obrigada a casar com um de seus pretendentes, interessados em herdar a fortuna de Ulisses, tido como morto, elaborou um plano para se livrar dos pretendentes: tecer um manto para seu sogro, durante o dia, e destecê-lo, em oculto, à noite? Possivelmente, como podemos confirmar com a leitura do poema:

#### A dona contrariada

Ela estava ali sentada,  
do lado que faz sol-posto,  
com a cabeça curvada,  
um véu de sombra no rosto.  
Suas mãos indo e voltando  
por sobre a tapeçaria,  
paravam de vez em quando:  
e, então, se acabava o dia.

Seu vestido era de linho,  
cor da lua nas areias.  
Em seus lábios cor de vinho  
dormia a voz das sereias.  
Ela bordava cantando.

E a sua canção dizia  
a história que ia ficando  
por sobre a tapeçaria.

Veio um pássaro da altura  
e a sombra passou no pano,  
como no mar da ventura  
a vela do desengano.  
Ela parou de cantar,  
desfez a sombra com a mão,  
depois, seguiu a bordar  
na tela a sua canção.

Vieram os ventos do oceano,  
roubadores de navios,  
e desmancharam-lhe o pano,  
remexendo-lhe nos fios.  
Ela pôs as mãos por cima,  
tudo compôs outra vez:  
a canção pousou na rima,  
e o bordado assim se fez.

Vieram as nuvens turvá-la.  
Recomeçou de cantar.  
No timbre da sua fala  
havia um rumor de mar.  
O sol dormia no fundo:  
fez-se a voz, ele acordou.  
Subiu para o alto do mundo.  
E ela, cantando, bordou.  
(MEIRELES, 1982:214).

Com “A dona contrariada”, poema ao molde popular em redondilha maior, temos, conforme destacou Pereira (2010) no seu trabalho de tese, “um dos mais belos ‘retratos’ de Cecília Meireles, tanto do ponto de vista do lirismo e das imagens evocadas, como da perspectiva da inter-relação poesia e música na composição poética” (PEREIRA, 2010:49). A autora acrescenta:

Nele, a sua Penélope, à semelhança da personagem de *Odisséia*, de Homero, faz a apologia à resistência, ao enfrentamento das situações adversas com otimismo, serenidade e perspicácia, situação que encontra respaldo na própria história de vida de Cecília, na sua atuação profissional e na sua produção estética. Toda a caminhada de Cecília Meireles esteve pautada sob o signo da resistência, do crédito ao poder da arte, da educação e das ações humanísticas (PEREIRA: 2010:49).

A escritora de *Olhinhos de Gato*, nesse poema, traz-nos uma lição ancestral, contido, sobretudo, nos contos de fada: a ideia de que nós, seres humanos, viemos para dar certo, conforme diz Coelho (2005) e se alguma coisa na vida está fazendo-nos

navegar na contramão desse objetivo, é preciso lutar para retomar os remos do nosso destino.

Em relação à proposta de letramento pensada a partir da sequência básica, vale lembrar que uma boa performance de leitura literária na escola exige atividades que provoquem a interação dos leitores com o texto. Para tanto, a leitura não pode ser feita de qualquer jeito, como se a finalidade da leitura incidisse sobre ela mesma, como adverte Cosson (2006), numa concepção em que basta ler os textos de literatura para formar leitores nessa área. Na verdade, o letramento literário exige planejamento e objetivos a atingir, a cada sequência de atividades.

A leitura do texto literário pode ser motivada por alguma atividade que a preceda, cujo objetivo é preparar o aluno para interagir com o texto. O elo entre a atividade motivadora e o texto, objeto de leitura, pode ser a temática, o modo de construção do texto ou outro aspecto. Nesse momento, é interessante recorrer a outras linguagens: uma reportagem, um anúncio publicitário, um convite, uma música, um vídeo curto, uma conversa com os alunos, uma dinâmica, etc.

No caso de nossa proposta com o poema “A dona contrariada”, selecionamos a música “Mais uma vez”, de Renato Russo (2003), cuja letra fala sobre determinadas situações adversas as quais nós somos submetidos no dia a dia e que nos exigem um posicionamento de enfrentamento para podermos continuar a ter esperança na vida:

Mas é claro que o sol vai voltar amanhã  
 Mais uma vez, eu sei  
 Escuridão já vi pior, de endoidecer gente sã  
 Espera que o sol já vem.

Tem gente que está do mesmo lado que você  
 Mas deveria estar do lado de lá  
 Tem gente que machuca os outros  
 Tem gente que não sabe amar  
 Tem gente enganando a gente  
 Veja a nossa vida como está  
 Mas eu sei que um dia a gente aprende  
 Se você quiser alguém em quem confiar  
 Confie em si mesmo  
 Quem acredita sempre alcança!

Mas é claro que o sol vai voltar amanhã  
 Mais uma vez, eu sei  
 Escuridão já vi pior, de endoidecer gente sã  
 Espera que o sol já vem.

Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena  
 Acreditar no sonho que se tem

Ou que seus planos nunca vão dar certo  
 Ou que você nunca vai ser alguém  
 Tem gente que machuca os outros  
 Tem gente que não sabe amar  
 Mas eu sei que um dia a gente aprende  
 Se você quiser alguém em quem confiar  
 Confie em si mesmo  
 Quem acredita sempre alcança!

Quem acredita sempre alcança!  
 Quem acredita sempre alcança!  
 Quem acredita sempre alcança!  
 Quem acredita sempre alcança!  
 Quem acredita sempre alcança!  
 Quem acredita sempre alcança!

(RUSSO, 2003).

Depois de ouvir a música, o professor pode perguntar aos alunos se eles gostariam de dizer algo sobre a música, relativo às evocações e aos sentimentos que esta lhes provocara. Este momento deve ser rápido, afinal, serve apenas de motivação à leitura do texto de Cecília Meireles, uma espécie de aquecimento da leitura que acorda os sentimentos necessários à interação com o poema.

A próxima etapa diz respeito à introdução, cujo objetivo é trazer à baila alguns aspectos relacionados à vida e à obra do escritor, que iluminem o entendimento do texto. No caso do poema “A dona contrariada”, é interessante ressaltar que Cecília foi uma escritora que desde criança soube lidar com contextos adversos, inclusive com o sentimento da morte e a solidão de menina sozinha. Órfã de pai e de mãe, criada pela avó, conseguiu momentos de felicidade em companhia da literatura e da música, lendo, tocando, cantando e criando seus poemas. Além disso, foi professora, pesquisadora, jornalista, tendo grande esperança na educação e na arte como forma de melhorar a sociedade. Seus poemas oscilam entre o sentimento de tristeza em relação à vida e à arte e o otimismo diante da força do homem e do poder da arte como instrumento de beleza, de sensibilidade e de humanização. Pode-se dizer também que o poema “A dona contrariada” faz parte do livro *Vaga música*, cuja referência à música é constante, seja no título ou no corpo dos poemas.

Em seguida, o professor distribui o poema aos alunos e solicita que eles façam predição em relação ao conteúdo do texto a partir do título. Lançadas algumas hipóteses, passa-se à leitura propriamente dita do texto na íntegra, que, no mínimo, deve ser feita três vezes: primeiro, uma leitura silenciosa, numa decodificação das palavras -



esse é o momento em que o aluno se familiariza com o vocabulário e a pontuação do texto; - segundo, a leitura em voz alta para que os alunos adéquem o modo de dizer o texto, envolvendo as entonações, as pausas e o ritmo de leitura dos versos, ao sentimento que o texto evoca; num terceiro momento, faz-se novamente a leitura do texto, prestando mais atenção a esses aspectos e à mensagem do poema, acompanhando a construção de sentidos do texto, iniciada no título, procurando responder o porquê de certas palavras, versos ou construções chamarem a sua atenção, além de resgatar o fato que está sendo narrado pelo poema.

Para dar prosseguimento à interpretação, o professor pode perguntar: quem seria a dona contrariada? Qual o motivo de ela sentir-se contrariada? Vocês conhecem alguma história com esse título ou em que a mulher é contrariada em algum aspecto?

Pode-se perguntar também se eles já ouviram falar na história de Penélope, personagem de *Odisséia*. Seria interessante resgatar o enredo dessa epopeia, destacando o modo como ela conseguiu agir para não se casar com seus pretendentes, alimentado a esperança de um dia ver o seu marido voltar da guerra. Penélope tecia o manto para Laertes durante o dia e, à noite, destecia-o, além de ocultar a identidade de Ulisses, quando este já tinha retornado da guerra. Será que Penélope também não se sentiu contrariada, em ter o marido ausente, correndo mil perigos? E em casa, com seus pretendentes querendo ocupar o lugar de Ulisses, gastando a riqueza que este acumulara, sendo obrigada a casar com um deles, ela própria não precisou ser forte para superar as adversidades?

Saindo da relação do poema com a obra de Homero, o professor pode suscitar relações do poema com as histórias de vida dos alunos.

Para dar continuidade à atividade de letramento, o professor pode propor aos alunos a leitura do conto “Além do bastidor”, de Marina Colasanti (2001), sugerindo uma abordagem comparada em relação ao poema de Cecília, no que tange aos bordados humanos que são construídos nos dois textos.

Para a culminância da proposta de leitura, o professor pode desafiar os alunos a criarem melodias para o poema de Cecília, atividade que não precisa envolver a turma toda. A criação das melodias e dos ritmos tem que estar consonante com o espírito do texto e pode ser gravado nos celulares do professor e dos alunos. Depois, pode-se escolher a melodia que melhor se adéqua ao texto e ensaiá-la, envolvendo mais pessoas. Pode-se melhorar a melodia a partir das sugestões da turma. Outra parte dos alunos

pode pensar no cenário e na performance da dona contrariada. O resultado dessa atividade pode ser apresentado num sarau poético, envolvendo a performance de outros poemas, musicalizados ou não.

### **Considerações finais**

O trabalho com a poesia em sala de aula precisa ser efetivado com atividades de provocação ao leitor, respaldado no caráter artístico, lúdico e dialógico do texto poético, em que os alunos possam sentir-se sujeitos na construção de sentidos para o texto e para as suas vidas. Isso exige compromisso e planejamento do docente em relação às atividades de leitura, à adoção de métodos de leitura, evitando a improvisação e a transformação do poema em pretexto para o aprendizado da gramática e outros conteúdos escolares, aspecto central no modelo de escolarização inadequada da literatura.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. *Literatura: a formação do leitor* (alternativas metodológicas). 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BOSI, Alfredo, A interpretação da obra literária. In: *Céu, inferno*. São Paulo: 34 editora, 2003.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Duas cidades, 2004.
- COELHO, Nelly Novaes. O conto de fadas: o imaginário infantil e a educação. *Revista da criança*. Brasília/ Ministério da educação, n. 38, p. 10 – 12, Janeiro. 2005.
- COLASANTI, Marina. *Uma idéia toda azul*. 21. ed. São Paulo: Global, 2001.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MEIRELES, Cecília. *Crônicas de educação I: obra em prosa*. Apresentação e planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001 (5 v.).
- \_\_\_\_\_. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Viagem; Vaga música*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PEREIRA, Jaquelânia A. *De versos (e) acordes: o encanto do verbo em Cecília Meireles*. 2010. 348 f. Tese (Doutorado em Literatura). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

PEREIRA, Jaquelânia Aristides. A literatura no tear das práticas lúdicas e formadoras do ser. In: PINHEIRO, Hélder, PEREIRA, Jaquelânia Aristides, SILVA, Maria Valdênia da e ARAÚJO NETO, Miguel Leocádio (Orgs). *Literatura e formação de leitores*. Campina Grande: Bagagem, 2008 (coleção Crítica e ensino).

RUSSO, Renato. Mais uma vez. In: *Presente*: Emi-Odeon Brasil, 2003. 1 CD. Faixa 1.

SOARES, Magda Becker. A escolarização da Literatura Infantil e Juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy, BRINA, Heliana, MACHADO, Maria Zélia (orgs.). *A escolarização da Leitura Literária: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.